



“SORRI EM TEUS OLHOS A ESTRANHEZA DE UM CÉU QUE NÃO É O TEU”

**Notas das colocações de Davide Prospero e Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 26 de setembro de 2015.**

As imagens são de Vivian Maier, a quem se dedica a mostra: “Vivian Maier Street Photographer”, no Museu MAN de Nuoro, até 18 de outubro de 2015. © Vivian Maier/Maloof Collection, Courtesy Howard Greenberg Gallery, New York (veja tracce.it).

**Notas das colocações de Davide Prospero e Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 26 de setembro de 2015.**

JULIÁN CARRÓN

Peçamos ao Espírito que desperte em nós tamanha afeição a Cristo, tamanho apego a Ele, que possamos testemunhá-Lo em todas as fendas do nosso viver.

Oh! vinde, Espírito Criador

*La mente torna
I wonder as I wander*

DAVIDE PROSPERI

Bem-vindos a este gesto com que iniciamos um novo ano juntos. Cumprimento também todos os amigos que, nas várias cidades da Itália e no exterior, estão conectados para viver juntos este gesto.

“O dia mais belo da semana é a segunda-feira, porque às segundas-feiras se recomeça, recomeça o caminho, o desígnio, recomeça a atuação da beleza, da afeição” (cf. L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Milão: BUR, 2002, p. 31). Esta frase de Dom Giussani expressa o motivo pelo qual nunca nos cansamos de recomeçar, porque estamos mais apegados a essa beleza que a qualquer outro interesse, e por isso pedimos à nossa grande companhia que nos ajude a não perder o ânimo, de modo que, dia após dia, ano após ano, cresça nossa afeição à nascente da beleza.

Nos Exercícios de 1964 em Varigotti, Dom Giussani dizia: “Nós devemos lutar pela beleza, porque sem a beleza não se vive. E essa luta deve investir cada particular; de outro modo, como poderemos um dia encher a Praça São Pedro?” (cf. L. Amicone, “Il 25 aprile di Rimini”, *Tempi*, n. 28, 2004, p. 20). No último 7 de março, nós enchemos aquela praça. Pedimos um encontro ao Papa para perguntar como manter aquele frescor do início, que é decisivo para que o nosso Movimento continue sendo útil à Igreja e ao mundo. Qualquer um de nós, julgo eu, está aqui porque considera que esta experiência seja válida para a própria vida. Mas como é possível ser sempre mais útil à Igreja e assim servir à glória de Cristo no mundo? O Papa respondeu-nos, confiando-nos uma tarefa, como bem nos lembramos: “centrados em Cristo e no Evangelho, vós podeis ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’” (Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015).

E Carrón retomou isto nos Exercícios da Fraternidade: “Pelo que podemos reconhecer esta presença? Pelo fato de que ela nos descentra das nossas reduções, das nossas distrações para nos reconduzir ao centro, Cristo. [...] O cristianismo é sempre um acontecimento” (*Uma presença no olhar*, encarte de *Passos*, n. 171, jul. 2015, p. 34). Devemos dar-nos conta de que isto indica uma direção, ou seja, é preciso “recentrar-nos” sobre o primado do acontecimento, reabrir-nos sempre de novo a Cristo como acontecimento que aconteceu na história passada e que acontece no presente de maneiras sempre novas, ao qual somos chamados a seguir. Nós o vimos no último Meeting. O método que Deus usa para entrar na história é o de uma livre escolha: a escolha de um homem, Abraão. Em meio à multidão de homens que tentam dar um nome ao Mistério, um só homem é escolhido pelo Mistério e chamado pelo nome, “Abraão...”, para que possa tratá-lo por “Tu”, como um filho trata por “tu” a seu pai. Este mesmo método descreve a nossa história.

A nós, que fomos preferidos, porque não era inevitável encontrarmos o que encontramos e que tantos não conhecem; a nós, a quem foi dado fazer experiência de Cristo como uma atração invencível, nós fomos escolhidos para o mundo

Com efeito, uma das coisas que me impressionam no Movimento é como tudo teve início. Podemos lê-lo no livro de Savorana (*Vita di don Giussani*, Milão: BUR, 2014). Muitos anos atrás, um garotinho começou a desejar ardentemente que sua vida não fosse inútil. Não sabia, não imaginava como poderia ser útil, mas a única coisa que sabia com certeza era que não queria viver inutilmente; que qualquer coisa que o Senhor lhe pedisse, ofereceria tudo de si para que sua vida pudesse ser útil ao mundo, útil a Seu desígnio. E eu digo: reconheço-me – reconheço-me –, eu também tenho esse desejo ardente! Mas essa coisa que todos temos dentro de nós

não é levada a sério, o mais das vezes, até ao ponto de se dizer: “Despendo a vida, toda a minha vida por isto”. E, no entanto, hoje nós estamos aqui porque esse garotinho se tornou um homem e depois se tornou velho, e permaneceu toda a vida fiel a esse desejo ardente, aliás, fiel a Quem lhe indicou o caminho para realizar esse seu desejo. O carisma que tomou esse homem e gerou um povo dentro da vida da Igreja tomou-o para o mundo; e a nós, que fomos preferidos, porque não era inevitável encontrarmos o que encontramos e que tantos não conhecem; a nós que vimos, a nós que fomos escolhidos, que, por assim dizer, vimos os traços inconfundíveis do rosto de Cristo através do testemunho tão persuasivo de uma companhia



humanamente decisiva e pacificadora para a vida; a nós, a quem foi dado fazer experiência de Cristo como uma atração invencível, nós fomos escolhidos para o mundo. A nós foi-nos dada essa experiência de conhecimento, para comunicarmos sua beleza a todos. Senão, que sentido teria a preferência? Seria uma injustiça.

O cego de nascença causa-me sempre a mesma comoção. Esse infeliz olhava a si mesmo como o olhavam todos: ele era “o seu” mal. Uma vida sem esperança. E, como ele, havia muitos; e todos aqueles, como ele, olhavam-se a si mesmos do mesmo modo, de acordo com certa visão difundida no judaísmo de então: punidos no físico porque malvados, impuros por dentro, pecadores! Mas aquele homem escolheu-o naquele dia, e o cego recuperou a visão; e, interrogado pelos mestres e pelos sábios, respondeu: “Eu só sei que antes não via e que agora vejo, vejo a realidade, não só a física, mas vejo a verdade de mim, daquilo que sou. Não sou o que dizeis vós, sou aquilo que vi resplandecer no olhar daquele homem que me fixava, que olhava justo a mim, ao nada que sou, que me olhava com amizade”. Naquele dia, foi escolhido justamente ele para que, através da sua mudança, pudesse resplandecer a glória de Cristo, para que os outros como ele também conhecessem a verdade de si e do mundo, de tudo, e assim fossem libertados. De Abraão em diante, Deus usou sempre este método, e nós somos daquela mesma estirpe. Por isso, nossa vida torna-se útil se se vive para o propósito para o qual fomos escolhidos,

como disse um pai no funeral de seu filho de três anos, morto devido a um tumor: “Para o santinho, escolhemos esta frase que bem o descreve: ‘O importante na vida não é fazer algo, mas nascer e deixar-se amar’”.

Repensando um pouco no ano transcorrido, a partir do juízo sobre a Europa e sobre o colapso das evidências – lembramo-nos bem –, a nossa iniciativa nasce daquela pergunta de Giussani: na situação em que nos encontramos, ainda é possível comunicar Cristo com aquele fascínio, com aquela persuasão de razão e de afeição que nos investiu?

No Meeting, tivemos muitíssimos encontros com testemunhas da fé, bem como outros encontros surpreendentes, talvez inesperados, como se encontra bem documentado na revista *Tracce* de setembro.

Eu me perguntei: o que impressiona a quem encontra uma coisa assim? Por que a gente se impressiona? Porque se pode dizer, como fez Pietro Modiano, por exemplo, que “só pelo fato de existir um lugar [...] em que se possam pôr questões do gênero”, ou seja, perguntas verdadeiras, “é que, vindo de longe, já não me sinto distante” (cf. *Tracce*, n. 8, 2015, p. 12). Isto fala do fundamento de um maravilhamento.

Aquilo que a gente encontra é um sujeito diferente, um povo rico de identidade e de história, e então encontra uma proposta. Pode agradar ou não agradar a quem nos encontra, mas o fascínio de uma presença original está na proposta daquela experiência viva que tenta medir-se com todos os aspectos e os interesses do humano. Nós o vimos, >>>

» por exemplo, quando distribuimos o panfleto sobre as eleições, *Ripartire dal basso* (Recomeçar de baixo), propondo, em relação à crise de ideais que caracteriza o nosso país, a redescoberta de que o outro é um bem, e não um obstáculo a superar, para a plenitude do nosso eu, tanto na política como nas relações humanas e sociais.

E então se entende que a abertura sem limites, que caracteriza o diálogo no sentido cristão, traz consigo uma implicação irrenunciável: não pode ser verdadeiro diálogo senão na medida em que eu carrego a consciência da minha identidade. Este é o método com que entramos na comparação com tudo. O diálogo verdadeiro implica a minha maturidade na consciência de mim mesmo. Em *Educar é um risco*, Dom Giussani diz que, sem essa maturidade na consciência de mim mesmo, “fico bloqueado pela influência do outro, ou então o outro que rejeito provoca um enrijecimento irracional na minha posição. Portanto, é verdade que o diálogo implica uma abertura para com o outro, [...] mas [...] implica também uma maturidade minha, uma consciência crítica daquilo que sou” (*Educar é um risco*, Bauru: EDUSC, 2004, p. 84). Por isso, em muitas ocasiões nestes anos, voltamos a duas preocupações fundamentais para a construção de uma sociedade nova, como hipótese oferecida a todos: 1) a comunidade cristã, na medida em que é guiada, é o lugar em que se descobre pouco a pouco como Cristo responde às perguntas do viver, fazendo crescer a intimidade com a verdade, à qual hoje pareceria quase impossível aspirar; 2) esta intimidade certa com a verdade que se encontrou torna-nos, no tempo, capazes de um empenho vital na sociedade, e também de uma abertura total, de uma liberdade que nos permite exprimir a novidade de vida dada pela experiência cristã de modo persuasivo e também fascinante, livre de esquemas “imutáveis” que nem sempre respondem às necessidades do nosso tempo. Pude constatá-lo claramente há três semanas, participando de um encontro com quinhentos jovens e professores de GS: o que nos ajuda a tornar-nos certos, firmes na consciência da nossa identidade cristã, é o que nos faz crescer no caminho rumo ao destino. Em todo caso, teremos oportunidade de voltar a essas coisas neste ano, lendo o livro de Carrón recém-publicado, *La bellezza disarmata* (A beleza desarmada).

Em tudo isto, permitam-me dizer, reconhecemos a ironia de Deus. À invasão do poder, que avança aparentemente incontrastável, Cristo não lhe opõe outro poder, mas uma maltrapilha companhia humana, “uma companhia de homens” escolhidos por Ele para que a Sua presença jamais

venha a faltar no tempo e no espaço e, com ela, como disse uma vez Giussani com uma imagem estupenda, “vai tomando palmo a palmo o terreno à noite” (*Toda a terra deseja o Teu rosto*, Lisboa: Paulus, 2002, p. 132). Tivemos muitos testemunhos, acima de todos o de padre Ibrahim, pároco da comunidade latina de Aleppo, que, junto com a família de Myriam e outros como eles, é a esperança de um povo que tem dificuldades em dar-se uma razão para continuar esperando. Eles continuam uma história começada no início da Igreja, da cristandade, e estão conscientes de que, por isso, o Senhor os quer ali no Oriente Médio, para serem fecundos ali. E nós devemos sustentar os nossos irmãos cristãos nessa tarefa, porque são uma semente; e à semente deve-se defender.

Ou quando vejo alguns dos nossos jovens que se querem bem, como já não se acredita ser possível hoje, num modo tão puro, intenso e também transparente, escancarado a todos; vejo neles a resposta mais convincente e contagiosa aos problemas que ocupam as discussões sobre a moral de nosso tempo. Permitam-me ler o que escreve um rapaz nosso, de 24 anos, a um amigo: “Eu a amo. E amo

Cristo, sim, finalmente posso dizer que O amo! Que O amo e quero dar-Lhe tudo... quero dar tudo pelo Seu Reino, quero usar o resto da minha vida pelo Seu Reino, porque sou feliz, sou grato. Ele me conquistou. [...] E isto por meio dela. Amo a Ele por meio dela, e a amo tanto assim, pois entendo que é Ele quem a deu a mim. O mundo mudou para mim, eu mudei. Tudo parece como antes, e no entanto tudo é novo. [...] Você sabe, vivi por muito tempo atormentado pelo desejo de vê-Lo presente na carne, uma carne que eu pudesse ver e tocar... e então despontou uma flor. De repente. E o Amor do Pai fulgurou em meu coração e em minha vida. Agora eu amo a vida,

amo-a imensamente, e amo até mesmo tudo o que sofri; sim, amo, amo meu sofrimento porque era sofrimento digno de ser vivido: o meu sofrimento era o tormento do desejo de ver a Encarnação, de ver Cristo encarnar-se em minha vida... Isso é viver. Isso é Vida.”

A beleza de uma companhia sacramental como a nossa, a grandeza do Movimento é o que torna possível querer bem assim, porque um garoto não poderia falar assim de seu amor pela namorada sem Cristo, sem a experiência do humano que nasce na nossa companhia: realmente Cristo “realiza o humano”. A resposta de Deus à “crise” dos tempos não é um discurso, mas o acontecimento de uma beleza, uma beleza desarmada, justamente. Qual

**À invasão
do poder, Cristo
não lhe opõe
outro poder, mas
uma maltrapilha
companhia humana,
“uma companhia de
homens” escolhidos
por Ele para que a
Sua presença
jamais venha
a faltar no tempo
e no espaço**

beleza? O fato de que o Infinito, o Divino possa entrar dentro da carne da relação entre um homem e uma mulher de carne e osso, transfigurando-o e potencializando suas capacidades afetivas a tal ponto, que o torna uma imagem de Si, glória Sua. Dentro e por meio do sinal, o Mistério torna-se realmente experimentável já agora, ao ponto de que, através do amor recíproco entre um homem e uma mulher, assim como na amizade verdadeira, na comunhão cristã, é realmente o Infinito quem se torna presente. Enfim, encontra-se essa Beleza num sinal, numa realidade humana, frágil e “maltrapilha” o quanto quiserem, e no entanto na qual brilha uma Presença que não é deste mundo. Esse sinal é a Igreja, que o Movimento nos ensinou a amar. Quem vive da relação com essa Presença tende a preencher toda a realidade de positividade e de esperança.

Por isso lhe perguntamos: como é que o testemunho cristão pode responder hoje ao vazio e ao medo que tendem a tirar-nos o gosto do viver?

CARRÓN

1. AS CIRCUNSTÂNCIAS E A FORMA DO TESTEMUNHO

“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar”, dizia Dom Giussani, “são fatores essenciais e não secundários da nossa vocação, da missão a que nos chama. Se o cristianismo é anúncio do fato de que o Mistério encarnou num homem, a circunstância em que se pode tomar posição sobre isso, em frente a todo o mundo, é importante para o definir-se mesmo do testemunho” (cf. *Luomo e il suo destino*, Gênova: Marietti, 1999, p. 63).

Parece-me que, depois do percurso que fizemos no último ano, como dizia agora Davide, podemos entender mais essas palavras de Dom Giussani. Quanto mais uma pessoa quer viver a fé no real, mais lhe interessa entender qual é o contexto em que se encontra. Não por um mero interesse sociológico, mas precisamente para compreender a natureza do testemunho que somos chamados a dar.

Para captar que alcance têm as circunstâncias na identificação da forma do testemunho a que somos chamados, talvez nos possa ajudar reler a história do palhaço e da aldeia em chamas, citada pelo Cardeal Ratzinger ao início de seu livro *Introdução ao cristianismo*, publicado em 1968: “Quem nos dias de hoje tenta falar sobre a fé cristã [...] há de sentir logo o ambiente de estranheza e de assombro que acompanha um empreendimento dessa natureza. É provável que em pouco tempo tenha a sensação de estar

vivendo uma situação semelhante àquela que Kierkegaard descreveu tão bem em sua famosa parábola do palhaço e da aldeia em chamas. [...] A história diz que certa vez houve um incêndio num circo ambulante na Dinamarca. O diretor mandou imediatamente o palhaço, que já se encontrava vestido e maquilado a caráter, para a vila mais próxima, para que buscasse ajuda, advertindo que existia o perigo de o fogo se espalhar pelos campos ceifados e ressequidos, com risco iminente para as casas do próprio povoado. O palhaço correu até a vila e pediu aos moradores que viessem ajudar a apagar o incêndio que estava destruindo o circo. Mas os habitantes viram nos gritos do palhaço apenas um belo truque de publicidade que visava levá-los em grande número às apresentações do circo; aplaudiam e morriam de rir. Fez de tudo para convencer as pessoas de que não estava representando, de que não era um truque e sim um apelo da maior seriedade: tratava-se realmente de um incêndio. Mas a sua insistência só fazia aumentar os risos, achavam excelente a sua performance – até que o fogo alcançou de fato a vila. Aí já era tarde, e o fogo acabou destruindo não só o circo, como também o povoado. [...] Quem

tenta anunciar a fé no meio de pessoas envolvidas com a vida e o pensamento de hoje pode sentir-se realmente um palhaço, [...] apresentando-se ao mundo de hoje nos trajes e com o pensamento da antiguidade, incapaz de compreender este mundo nem de ser compreendido por ele” (*Introdução ao cristianismo*, São Paulo: Edições Loyola, 2005, pp. 31-32).

Por isso certas formas de comunicação da fé mostram-se hoje tão estranhas, ao ponto de não serem levadas em consideração, mais ainda, de serem motivo de risada.

Agora podemos entender melhor a preocupação que Dom Giussani teve desde o início da nossa história, desde quando começou: quando ninguém podia imaginar

o que ia acontecer, quando as igrejas ainda estavam lotadas e a fé parecia estar em voga, quando todas as associações católicas tinham muitíssimos inscritos, Dom Giussani tinha identificado – como um profeta – o problema. E para não parecer, ele também, um palhaço, imediatamente procurou mostrar a pertinência da fé às exigências da vida. Não é que nos anos cinquenta não se pregasse a fé – a Igreja continuava a fazê-lo –, mas muitos, já então, já não a percebiam como pertinente às exigências da vida. Justamente por isso é que muitos estudantes que Dom Giussani encontrava no Berchet, embora provenientes de famílias cristãs, tinham abandonado a fé. Dom Giussani experimentou na própria pele a importância das circunstâncias históricas para o >>>

Quanto mais uma pessoa quer viver a fé no real, mais lhe interessa entender qual é o contexto em que se encontra. Não por um mero interesse sociológico, mas precisamente para compreender a natureza do testemunho que somos chamados a dar

» definir-se do seu testemunho. Ele, que conhecia muito bem a doutrina católica, teve de interrogar-se sobre o modo mais adequado para comunicar a verdade, a verdade de sempre, num contexto que estava mudando rapidamente.

O mundo em que somos chamados a viver a fé é totalmente diferente do mundo passado, mesmo o recente. É um mundo onde a secularização progride, o colapso das evidências está diante de todos. A isto unem-se, como consequência, uma passividade, um torpor e um tédio que parecem invencíveis e que ofuscam gravemente o reconhecimento do real. Essa situação é o maior desafio que tem diante de si, hoje, a fé, o anúncio cristão. É um desafio que nos diz respeito primeiramente a nós. Se a fé termina por ser entendida também por nós como uma palhaçada, se nós em primeiro lugar não conseguimos percebê-la como pertinente à vida, começará a diminuir, até em nós, o interesse por ela. Imaginem os outros!

Cada um de nós é obrigado a responder a essa situação que nos vem ao encontro provocando-nos. Com efeito, dizia Dom Giussani, “a experiência é o encontro de um sujeito com a realidade; a realidade como presença convida-o e interroga-o (‘problematiza’). O drama humano está na resposta a esta problematização (‘responsabilidade’), e a resposta é evidentemente gerada no sujeito. A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos valores que definem sua personalidade [daquilo que tem de mais caro]. Ora, estes valores fluem no eu a partir da história vivida à qual esse mesmo eu pertence. A genialidade radical de um sujeito está na força da consciência de pertencer. Por isso, o povo de Deus torna-se um horizonte cultural novo para todos os sujeitos que a ele pertencem” (*O senso de Deus e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155). Portanto, de como respondemos aos desafios do presente, “entende-se se e quanto vivemos o pertencer, que é raiz profunda de toda a expressão cultural” (cf. L. Giussani, *Luomo e il suo destino*, op. cit., p. 63).

Dom Giussani identifica duas maneiras de viver o pertencer, das quais despontam duas faces culturais com que o cristianismo se coloca no mundo: a fé e a ética, o acontecimento da fé e os valores éticos. A Igreja – dizia em 1997 –, em muitas ocasiões, “coloca-se [...] perante o mundo, não digo esquecendo, mas dando como por sabido e por óbvio [...] o conteúdo dogmático do cristianismo”, ou seja, “o acontecimento da fé” (*Ibidem*, pp. 63-64), que se reduz “a um *a priori* abstrato que se hospeda e alberga na cabeça do

homem” (*Ibidem*, p. 67), refugiando-se na ética, nos valores. É como se disséssemos: “O que é a fé eu já sei, agora me devo preocupar com o que fazer”. Assim, quase inconscientemente, dando por óbvio o conteúdo da fé, deslocamo-nos para a ética. O rosto cultural do cristianismo já não é, então, o acontecimento da fé, mas os valores.

Ao responder aos desafios da vida, nenhum de nós pode evitar dizer o que tem de mais caro, qual é o conteúdo sintético de sua autoconsciência: se é o acontecimento da fé ou se são os valores morais.

Espanta-me o quanto essa atitude, que tantas vezes surpreendemos em nós, ou seja, a atitude de dar por óbvio o acontecimento da fé, não responda, ou antes, esteja em contraste com a experiência elementar do viver que constantemente nos atestam, por exemplo, certas músicas como a de Mina que acabamos de escutar, *La mente torna* (letra de G. Mogol, música de L. Battisti). Que é que diz? Que quando tu chegas, que quando chega o tu, “a mente retorna”; que quando “tu me falas”, eu sou eu. Vocês se lembram de quando citamos Guccini? “Não sou quando não estás aqui” (cf. *Vorrei*, letra e música de F. Guccini).

Somente quando tu estás, arrancas-me dos meus pensamentos. Isto é, de tal forma o “tu” do outro faz parte da definição do eu, que desperta a autoconsciência com que um eu enfrenta tudo. É, pois, a relação com certo “tu” o que torna possível um modo todo diferente de estar no real, mais verdadeiro, determinado pela autoconsciência nova que ele suscita em nós. Por isso, o pertencimento a esse “tu” define a posição cultural. Quem quer que escute a música entende imediatamente o que tem de mais caro a pessoa que a compôs: o tu que torna o eu verdadeiramente eu, finalmente eu.

A experiência elementar do viver mostra o quanto preciso de um tu para ser eu mesmo, para ser eu. O Senhor que nos fez sabe bem quanto o seu Tu é indispensável para o nosso eu. Em sua tentativa de fazer-se conhecer pelo homem, o Mistério “curvou-se” a esta experiência elementar. De fato, para entrar em relação conosco, tornou-se experimentável segundo a forma de experiência que nos caracteriza, a do relacionamento com um tu, de modo que através dele todo homem compreendesse o alcance do Tu do Mistério para si, para a própria vida. Curvando-se ao modo humano de relacionar-se, Deus entrou no real chamando Abraão, para gerar um eu todo tecido da Sua presença, uma presença que os mesopotâmicos contemporâneos a Abraão não podiam nem sequer imaginar – como disse no Meeting o nosso

**Este Deus, este Tu,
não pode nos olhar
sem essa compaixão.
Desta forma,
deu a conhecer
ao homem o que
é o homem,
porque nada pode
redespertar o eu
como ver um Tu que
tem essa comoção
para com o seu
destino**



amigo e professor Giorgio Buccellati –; eles não podiam tratar por tu ao fado, ao destino.

Que quer dizer tudo isto? Que a escolha de Abraão introduziu uma novidade na história, pela qual a fé não é simplesmente algo acessório, um rito ou uma prática devocional, mas é constitutiva do nosso eu, do nosso estar no real. A razão por que tudo começou com Abraão é o desejo de Deus: “Façamos que um homem viva a experiência de Nós nas entranhas do próprio eu, para poder ver o que é o eu que Eu criei. Mas, se a experiência desta minha Presença não vibrar dentro das entranhas de um homem como Abraão, o homem não poderá entender quem é e não poderá entender quem sou Eu”. Imaginem que experiência dessa Presença deve ter feito o profeta Oseias para dizer: “Meu coração comove-se no íntimo e arde de compaixão” (Os 11,8)! Este Deus, este Tu, tem uma tal intensidade de vida, que não pode olhar-nos, dirigir-se a nós sem essa comoção, sem essa vibração, sem essa compaixão pelo nosso destino. Desta forma, deu a conhecer ao homem o que é o homem, porque nada pode redespertar o eu como ver um Tu que tem essa comoção para com o seu destino. Não admira, pois, que quem é despertado por esse Tu possa dizer, como o profeta Isaías: “Vossa lembrança e vosso nome, ó Senhor, são o desejo e a saudade de nossa alma” (Is 26,8). Isto significa não deixar fora da percepção de si mesmo o conteúdo da experiência da fé. Se nós o deixarmos fora do modo com que dizemos

“Eu”, nosso pertencer será a tudo, menos ao Mistério que entrou em nossa vida. E assim daremos testemunho só daquilo que conseguirmos fazer, daquilo que fomos capazes de imaginar, das nossas tentativas, mas não poderemos fazer transparecer o nosso pertencimento ao Mistério, como, pelo contrário, aconteceu a uma pessoa que, chegando do trabalho, se encontrou diante de um colega que lhe disse: “O que aconteceu com você? Por que está com essa cara?”. Ainda não tinha feito nada, mas apresentava-se uma diversidade aos olhos do colega.

É por isso que, pondo-nos como pergunta para as férias “Quando surpreendemos e reconhecemos na nossa experiência uma presença no olhar?”, não estávamos pondo uma questão para visionários, para pessoas à caça de não sei qual experiência mística, mas estávamos trazendo para o jogo quem se surpreendeu olhando o real com uma novidade dentro, aqueles para quem o conteúdo da experiência da fé não é óbvio. Sem essa novidade, sem essa incidência em nosso olhar, a fé, no fundo, reduz-se a algo devocional que não define o modo de estar no real, não define a vida.

Para atingir Seu propósito, explica-nos Dom Giussani, “Deus não [...] intervém de fora como cláusula sufocante, como uma barreira feita de leis, uma prisão na qual sermos engaiolados, mas emerge de dentro, nascente, companhia profunda sem a qual não poderíamos fazer nada. Emerge de dentro da nossa existência, porque nos constitui, e ➤



» é preciso carregá-lo dentro das coisas de que a vida é feita, pois, caso contrário, [a vida] não seria vida. É preciso descobri-lo e segui-lo dentro das realidades da existência, porque Ele é o Deus dos vivos, e as realidades da existência seriam aparências de coisas, esquemáticas e formais, sem Ele. Desta forma, somos chamados a experimentar qual é o sentido do humano que a modalidade com a qual o Senhor se revela a nós, a Sua presença dentro da existência histórica, recorda e produz” (*Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, pp. 36-37).

Relendo a história do povo de Israel, bem como relendo a história da Igreja, herdeira daquele povo, Dom Giussani põe-nos constantemente diante de duas possibilidades. Cada um de nós, ontem como hoje, é posto diante de uma alternativa clara: “barreira feita de leis” ou “presença dentro da existência”.

Mas, se o acontecimento da fé, seu conteúdo dogmático, é dado por óbvio, e tudo se reduz só a explicações ou a dialética ou a ética, que interesse ainda poderá despertar em nós? Não conseguirá tomar-nos nem por um minuto. Porque nenhuma de nossas tentativas pode produzir a novidade humana por meio da qual Cristo nos fascina e nos faz interessar n’Ele. Abraão jamais poderia ter produzido um eu como o seu se o Mistério não tivesse tomado a iniciativa atraindo-o para Si. Do mesmo modo, João e André não poderiam ter produzido aquela novidade humana que se empossou em suas vidas pelo encontro com Cristo. Hoje sempre mais, cada homem, cada um de nós e daqueles que encontramos, todos nos encontramos diante da mesma vertigem: neste niilismo que nos circunda, nesta situação de vazio desenfreado em que tudo é igual a tudo, há algo que consiga tomar-nos, atrair-nos a ponto de determinar todo o nosso eu?

Quem identificou a pergunta foi o Papa Francisco, na sua mensagem ao Meeting: diante da estranha anestesia,

“diante do torpor da vida, como despertar a consciência?” (Francisco, *Mensagem à XXXVI edição do Meeting para a Amizade entre os Povos*, 17 de agosto de 2015).

Esta é a pergunta decisiva. Com ela todas as visões, todas as propostas devem medir-se, até as nossas. Cada um de nós, com efeito, em cada movimento seu, de algum modo toma posição diante deste desafio radical. Cada um responde, implícita ou explicitamente, a esta questão na forma com que se levanta de manhã, com que vai trabalhar, com que olha os filhos, etc. O que, então, poderá despertar-nos do torpor da vida?

2. A ATRAÇÃO DA BELEZA

Como dissemos, a experiência elementar do homem precisa de uma provocação adequada para ser despertada; igualmente, o homem precisa dela para sair de seu torpor. Como destaca Dom Giussani, a “experiência humana originária”, ou seja, o senso religioso, aquele conjunto de evidências e de exigências pelos quais eu sou um homem, “não existe ativamente, senão dentro da forma de uma provocação. [...] Vale dizer, dentro de um modo em que é solicitada” (cf. *Dall’utopia alla presenza: 1975-1978*, Milão: BUR, 2006, p. 193). Portanto, o problema realmente radical é que haja, que se comunique uma provocação adequada que possa favorecer o resgate real de uma percepção de si mesmos. São determinados encontros, com efeito, pela provocação que representam, que põem inteiramente em ação a consciência originária de nós mesmos, que fazem emergir o nosso “eu” das cinzas do nosso esquecimento, das nossas reduções.

É isto o que permite entender, diante de quem se desencoraja com a situação atual, por que o Papa escreveu ao Meeting: “Para a Igreja, abre-se um caminho fascinante, como foi no início do cristianismo”. É justamente essa situação, para ele, uma ocasião “fascinante”.

O que persuadiu Zaquê, Mateus, a Samaritana, a adúltera? Uma lista de leis impostas de fora ou a Sua diversidade? Descobrimos pela reação deles. Diziam, de fato: “Nunca vimos coisa igual!” (Mc 2,12). Ou ainda: “Ninguém jamais falou como este homem” (Jo 7,46). Arrastava-os a experiência que viviam com Cristo – “o conteúdo dogmático do cristianismo, sua ontologia”, para usar a expressão de Giussani –, que comunicava o mistério da Sua pessoa, não os valores, que nem seus discípulos conseguiam entender: “Se a situação do homem com a mulher é assim”, diziam frente à sua proposta de indissolubilidade do matrimônio, “é melhor não casar-se” (cf. Mt 19,10). Por que ainda iam atrás dele? E por que a estranheza de Jesus não era percebida por eles como a de um palhaço? Bastaria ler o Evangelho com essa pergunta para redescobri-lo todo de novo.

Não é talvez, como diz Dom Giussani, o ter dado por óbvio o acontecimento da fé e o ter-se deslocado para a ética a razão por que os cristãos são percebidos pelos outros como palhaços? Podemos defender a doutrina correta e gritá-la diante de todos, sem que o outro se sintam minimamente impactado, sem que mude minimamente o seu modo de nos olhar. Podemos gritar todas as nossas razões sacrossantas, podemos reivindicar valores éticos ainda que justos, sem conseguir mover os outros nem sequer um milímetro: pelo contrário, eles nos veem como palhaços. Um cristianismo reduzido a um conjunto de valores ou a leis que respeitar parece-lhes uma palhaçada, e nós cristãos uns palhaços, parte do circo.

Há algo que possa subverter esta situação? Há algo capaz de nos agarrar e de agarrar os outros no profundo, de tomá-los até o fundo na medula, a ponto de eles deixarem de considerar o cristianismo como uma palhaçada? Sim, há. E hoje como naquele tempo, como nos tempos de Jesus, o cristão deixa de ser identificado com um palhaço e “força” quem o encontra a iniciar um processo que não se sabe aonde o levará. Contava-me um amigo sacerdote que vive na Inglaterra: “Uma mãe que vi na saída da missa com uma criança pequena, de um ano e meio, me diz: ‘gostaria de falar do Batismo’. Nunca a tinha visto antes. Duas semanas depois, vou à sua casa e começamos a conversar. Como acontece com muita frequência na Inglaterra, os pais não eram casados. A criança fora concebida *in vitro*; venho a saber também que têm outro embrião congelado [esta é a situação: um filho no congelador!]. Eu me dizia: certamente não posso fazer a este casal uma lista com todas as coisas certas que eles não

fizeram, e mesmo assim a mulher me veio procurar, por um fio de interesse, evidentemente. Então lhe perguntei: ‘Por que é que você veio?’. E ela: ‘Na verdade eu fui batizada quando era criança, vivia como cristã, era bom: a escola, a igreja, mas depois deixei para lá. Mas eu queria isso para meus filhos’. Eu já estava para ir embora, quando parei e lhe disse: ‘Eu entendo que seu marido esteve doente, que vocês tiveram muitos problemas, mas eu queria dizer uma coisa: veja que Deus, na verdade, nunca a perdeu de vista, não é que Ele se enganou, se tenha esquecido e não tenha olhado para vocês; como acontece a você com seu filho: muitas vezes ele não entende as suas ações, as coisas que você permite, mas na verdade você vê um bem dentro dele; Deus também sempre olhou para você, tem você bem presente e quer fazer algo de grande na sua vida e na vida da sua família através das dores e das coisas que lhe aconteceram’. Aquela mulher se pôs a chorar e depois começou a vir à igreja todos os domingos. Eu entendi que não podia olhar simplesmente a lista de questões éticas que ela não tinha respeitado, porque o ponto era que ela pudesse encontrar uma possibilidade para a própria vida, como aconteceu; e o resto pouco a pouco vai se resolver”.

Parece-me um exemplo de um ponto de partida, na relação com o outro, do conteúdo da fé e não da ética.

O amigo sacerdote contou depois outro episódio: “Uma senhora me escreveu um e-mail dizendo: ‘Querida frequentar a paróquia’. Vou encontrá-la e lhe digo: ‘Por que você quer frequentar a paróquia?’. ‘Porque eu quero isto para mim e para meus filhos.’ ‘E o que quer dizer que você quer frequentar a paróquia? Você é católica?’ ‘Não.’ ‘É anglicana?’ ‘Não, na verdade eu nem sou batizada.’ ‘Ah, tudo bem, então [como costuma acontecer] o seu marido deve ser cristão e você está se aproximando da fé através dele.’ ‘Não não, meu marido não é católico, não é anglicano, também

não é batizado.’ ‘Então são os seus pais? Deve haver algum gancho com a Igreja. Enfim, por que você quer vir?’ [cheio de curiosidade]. ‘Digo a verdade. Eu sou babá por profissão, e minha mãe também, todos os dias nós colocamos oito, dez crianças na casa da minha mãe, que é grande, e cuidamos delas enquanto os pais estão no trabalho. Nestes anos de trabalho, vi que as crianças da sua escola e da sua paróquia são diferentes, e os pais delas também são diferentes; então eu quero isso para mim. O que tenho de fazer?’ Eu lhe disse: ‘Apresento a você algumas mães, se depois você quiser vir à Escola de Comunidade, há também pessoas que estão se preparando para o Batismo, assim vemos um pouco. Também pode vir à missa, se quiser.’ ‘Na verdade eu >>>

Se nós deixarmos o conteúdo da experiência da fé fora do modo “Eu”, nosso pertencer será a tudo, menos ao Mistério que entrou em nossa vida. Daremos testemunho só daquilo que conseguirmos fazer



» pensava que não podia ir à missa, que fosse proibido por não ser católica; mas, para dizer a verdade, fui escondido duas vezes. 'E o que aconteceu?' 'Durante a semana eu estava diferente, porque aqueles cantos, aquelas coisas... muitas coisas eu não entendo; mas talvez uma coisa eu entenda, e me alimenta pela semana toda.' Eu posso admitir que haja gente que esteja voltando à fé porque já não tenha o preconceito e porque a fé já não seja dada por óbvio, mas aqui é diferente, porque essas pessoas que encontro não podem nem mesmo dá-la por óbvio, simplesmente porque não sabem o que é, e então não podem nem sequer ter um preconceito."

Quando essa vida diferente é interceptada, suscita maravilhamento, como acabamos de ver; ou como nos contava padre Ibrahim: um muçulmano vai ao poço do convento franciscano de Aleppo e diz a padre Ibrahim: "Padre, vendo como as pessoas vêm retirar a água, com um sorriso, com uma grande paz no coração, sem brigas, sem levantar a voz... Eu, que andei por toda Aleppo e vejo que se matam para tirar água dos poços, me maravilho: vocês são cheios de paz, de alegria [...], vocês são diferentes" (cf. "O perfume de Cristo entre as bombas", *Passos*, out/2015, p. 16).

O mesmo maravilhamento é testemunhado por um amigo que vive na Califórnia e que contou: "Trabalho com gente que nasceu com deficiência e com veteranos a quem a guerra causou fortes dramas; todos os dias eu deparo com o limite do homem, o limite físico e também mental. Uma mulher em seus quarenta anos, uma vida no exército, sofreu também violências físicas, e por isso, nos últimos

quinze anos, definiu sua vida como anestesiada. Por causa desses traumas, foi impossível que ela vivesse uma relação positiva com a realidade: impossível ir fazer compras no supermercado, porque quando está no meio dos corredores do supermercado tem medo de que alguém a agrida; não pôde manter um trabalho; levantava-se às três da manhã ouvindo os pássaros gorjear: 'Eu ficava louca, eu seria capaz de matá-los todos! É insuportável'. Um mês atrás, depois de um ano que estamos juntos com essa mulher, trabalhando com ela (no sentido de lhe ensinar um trabalho) e vivendo a vida com ela, disse-nos: 'Acordo de manhã, às três, ainda não consigo dormir, mas agora começo a querer bem, a olhar com amor até aos pássaros que cantam. E por que isto? Porque houve um olhar sobre mim que me despertou toda a espera do coração'. O amigo da Califórnia acrescenta: "Essa mulher não é do Movimento, mas usou estas palavras: 'O meu coração agora está vivo'. Por quê? 'Porque vi alguém e algo que despertou em mim toda a possibilidade de ser eu mesma.' A beleza deste ano, sobretudo o encontro com o Papa, me fez entender que a única responsabilidade que tenho é viver a vida dentro daquela atração que me atingiu, o resto é Ele quem faz, porque é Ele quem muda a vida do outro. Faz algumas semanas, convidaram a mim e a uma colega para uma conferência, para falar de nossa atividade. Normalmente, no momento da apresentação, dizem aquilo que você fez, aquilo que você faz e os títulos que tem. Então a pessoa começou a descrever quem somos, a companhia para a qual trabalhamos, mas a uma certa altura parou

e disse: ‘No entanto, aquilo que Guido e Nancy são é o coração do que nós fazemos’. Isso me comoveu, no sentido de mover: eu simplesmente vivi – e isto é impressionante – sem fazer discursos, e alguém que não sabia nada de mim pôde dizer: ‘Eu olho para você pelo coração que exprime, que é a raiz daquilo que nós também fazemos’. Que, vendo você, alguém diga: ‘Eu me identifico com o coração que você exprime’, acho que é o maior testemunho que se possa dar e que nasce do viver dentro da atração do encontro com Cristo”.

O que mudou essa mulher, condenada a viver de modo distorcido a sua relação com a realidade? Foi a novidade que entrou na história com Abraão, que chegou até nós e que se comunica por meio de nós, quase sem fazer nada de particular. Nós lhe doamos isso simplesmente convivendo com ela. O resultado é simples: “Começo a querer bem até aos pássaros”, os mesmos que antes queria matar. Isto quer dizer que a Presença que passa por meio de nós é capaz de mudar a vida: é tão crucial, que, sem ela, como diz outra música de Mina, tudo se perde: “E, se amanhã [...] de repente eu te perdesse, eu perderia o mundo inteiro, não somente a ti” (cf. *E se domani*, letra de G. Calabrese, música de C. A. Rossi).

Sem esse Tu, o eu perde o mundo inteiro. Perde tudo. Mas nós, diz Dom Giussani, achamos que tudo isso seja como um conto de fadas! “Quando a pessoa se levanta de manhã, quando experimenta dificuldades ou desilusões, ansiedades ou contratempos, a imagem de um Outro que acompanha [a vida] [...], que desce até ela [assim como é] para restituí-la a si mesma, é como um sonho” (L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit. p. 32). Por isso, em cada momento, cada um de nós faz o teste: o gesto que realiza revela se, para ele, o conteúdo dogmático da fé é um fato real ou um conto de fadas, um sonho. Isto define aquilo a que pertencemos. Podemos até estar distraídos, podemos continuar com todos os nossos limites, mas o Fato passa por meio de nós se formos definidos pelo conteúdo da fé. Trazemo-Lo em nós a tal ponto, que ele desperta nos outros uma afeição ao real.

Então, quando não vivemos uma relação cheia de afeição pelo real, quando nos complicamos a vida e sentimos a relação com a realidade como uma violência, não é porque os pássaros sejam ruins ou as circunstâncias estejam contra nós, não é pela doença ou porque o chefe ou quem quer que seja não nos compreenda, ou porque tudo esteja errado ou ruim. Não, não! O problema é que falta o Tu, aquele Tu

que torna possível que tudo – tudo! – se torne amigo, até os pássaros, que aquela mulher, antes, queria eliminar.

O que atestam estes testemunhos? O que fez as pessoas encontradas não perceber o cristianismo como uma palhaçada e os cristãos como palhaços? Foi a novidade de vida com que elas depararam, vinda de dentro de sua existência. No circo do mundo, com todos os seus atores, com todos os seus palhaços, com todas as interpretações em voga, neste mundo em que tudo é “líquido” – como diz Baumann –, em que uma coisa vale a outra, o que, então, é tão potentemente real, tão atraente, que nos toma totalmente, a ponto de não quisermos perdê-lo?

“O homem reconhece a verdade de si”, destacava Dom Giussani, “através da experiência de beleza, através da experiência de deleite, através da experiência de correspondência, através da experiência de atração que ela suscita, uma atração e uma correspondência total, não total quantitativamente, total qualitativamente! [...] A beleza da verdade é o que me faz dizer: ‘É a verdade!’” (cf. *Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, Milão: BUR, 2007, pp. 219-220). Atração significa “trago você a”, ou seja, você é trazido para fora de si em direção a outro.

Por isso, ele dizia que “o homem de hoje, dotado de possibilidades operativas como nunca na história, tem grandes dificuldades em perceber Cristo como resposta clara e certa ao significado da sua mesma engenhosidade. As instituições normalmente não oferecem vitalmente tal resposta. O que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio [não basta uma doutrina, mesmo reafirmada obstinadamente, como não basta uma lista de coisas para fazer]. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo seja realidade tão presente, que a vida delas mudou. [Aquilo

que desmonta o circo dos palhaços é a realidade de Cristo, uma realidade tão presente, que muda a vida de homens que se encontram no próprio caminho.] É um impacto humano o que pode sacudir o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: ‘Zaqueu, desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa’” (cf. L. Giussani, *Colocação no Sínodo*, 1987; in Id., *L’Avvenimento cristiano*, Milão: BUR, 2003, pp. 23-24).

Onde se pode encontrar essa beleza que me atrai despertando-me a mim mesmo? Como o eu, disperso no tédio e no torpor, pode reencontrar-se? Dom Giussani disse-o de maneira definitiva: “A pessoa reencontra a si mesma num encontro vivo, vale ressaltar, numa presença com que ➤➤

O que persuadiu Zaqueu, Mateus, a Samaritana, a adúltera? Uma lista de leis impostas de fora ou a Sua diversidade? Arrastava-os a experiência que viviam com Cristo, que comunicava o mistério da Sua pessoa

» depara e que difunde uma atração; numa presença, quer dizer, que é provocação a si. Difunde uma atração, isto é, provoca ao fato de que o nosso coração, com aquilo de que é constituído, com [todas] as exigências que o constituem, há, existe. Aquela presença lhe diz: ‘Existe aquilo de que é feito o coração; veja, por exemplo, em mim existe’. A atração e a provocação no fundo de nós mesmos são dadas somente por isso” (cf. *L’io rinasce in un incontro: 1986-1987*, Milão: BUR, 2010, p. 182).

O encontro com essa presença difunde uma atração, dispara a centelha.

3. A CENTELHA

“A verdade”, diz ainda Dom Giussani, “é como o rosto de uma bela mulher, você não pode não dizer que é bela, não consegue! [impõe-se]. Mas, à parte a comparação, a verdade é algo que se impõe inevitavelmente. O homem tem uma fração de instante em que o coração se comove. É aquilo a que eu chamava centelha. [...] Aquela centelha, aquela intuição de que era verdadeiro para si, talvez filiforme, talvez toda nebulosa, confusa – mas é errado dizer confusa [corrige-se]; não foi confusa; pelo menos por um tiquinho, era uma centelha, e por isso não era confusa –, suscitou, talvez ‘pulviscularmente’, uma emoção ou comoção na qual, mesmo inconscientemente, ‘nos descobrimos gratos e pasmos com o acontecido’, como vocês disseram. Vale ressaltar, aquela centelha fez como que emergir uma pobreza de espírito, talvez um fiapo, um fiapinho, como um grãozinho de pó, de pobreza do espírito. Aquela centelha é como se tivesse sido um fogo, uma brasa de fogo que foi até o osso, que pôs a nu o nosso osso, isto é, o nosso coração, atravessou a carne e gerou um instante, uma experiência, de pobreza de espírito, de simplicidade do coração (‘gratos e pasmos pelo acontecido’).” Conclui Dom Giussani: “A centelha, essa faísca, é o gatilho de uma consciência nova da origem de si” (cf. *Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, op. cit., pp. 207-208, 215).

Quando alguém flagra essa centelha em nós, deixa de nos considerar palhaços.

Um universitário de arquitetura escreve: “Estávamos preparando a mostra sobre a catedral de Florença. O arquiteto que a tinha preparado e que trabalharia conosco durante a semana do pré-Meeting, tendo chegado ao nosso estande, acolhe-nos assim: ‘Oi, pessoal, eu não sou do Movimento de CL, fui encarregado de fazer esta mostra e estou aqui para trabalhar com vocês’. Mal disse essa frase,

vestiu uma bermuda e começou a trabalhar junto conosco: pinta, carrega os pesos, passa reboco... Na mesma noite, vem comer conosco onde se reúnem todos os voluntários. Trabalha conosco, come conosco e continua assim por cinco dias. Nasce daí uma bela relação. No domingo, anuncia que teria de voltar a Florença para trabalhar e que não voltaria mais. Mas, para nossa grande maravilha, terça-feira de manhã está na Feira, pronto para trabalhar, feliz. ‘Pessoal, voltei porque estava com muita saudade! Nunca vi gente trabalhar assim. Vocês têm alguma coisa que os outros não têm. Eu tinha muitos preconceitos contra CL antes de vir aqui, mas me estava concentrando num ponto sem olhar todo o resto’”.

Outra pessoa conta: “Naqueles sete dias de férias, cada um pôde confrontar-se com o fato de que outra medida abriu espaço entre nós, e quando acontece é impossível não percebê-lo. Perceberam também três amigos chineses que estão na nossa universidade para um intercâmbio cultural de dois anos, e que conhecemos há alguns meses. Ficaram impressionados com tudo o que aconteceu. Primeiramente pelo fato de que era possível uma familiaridade tão verdadeira entre pessoas tão distantes geograficamente. Nunca lhes tinha acontecido serem acolhidos e abraçados como foram. Viram em ação ‘uma caridade que os comoveu’. Matteo disse que, por aquilo que viu, a diferença entre a religião católica e o budismo é que a religião católica é uma vida, não uma série de ritos para cumprir, e que ele está muito mais atraído por essa vida que viu em ação”.

Uma amiga universitária passou o verão todo junto com outros colegas, envolvida num projeto pelo seu professor. Um dia propõe aos seus amigos: “Pessoal, há uma coisa belíssima que vocês absolutamente têm de ver”. Era o Meeting de Rímimi. Vejam o que aconteceu: “Pelo fruto de toda uma amizade que tinha nascido, eles vieram e ficaram maravilhados; maravilhados também em ver que eu mesma, que já conheço o Meeting, estava maravilhada, porque o via através dos olhos deles. Foi um dia incrível, cheio de encontros. Eles estavam contentíssimos. Quando estávamos no carro, na volta, a menina grega me olhou e disse: ‘Mas o que é que aquelas pessoas têm?’. Eu lhe respondo: ‘Não sei, o que têm? Você que me diga’. E ela: ‘São livres. São felizes’. E depois: ‘Aqueles que você me apresentou têm como que um brilho nos olhos. Têm um brilho nos olhos e são livres como criancinhas’. E continuava a insistir que eu lhe explicasse o que era aquele brilho nos olhos que ela via. Então lhe disse que era a mesma pergunta que eu me tinha feito quando os

Quando nos complicamos a vida e sentimos a relação com a realidade como uma violência, não é porque tudo esteja errado ou ruim. Não, não! O problema é que falta o Tu, aquele Tu que torna possível que tudo – tudo! – se torne amigo



conheci: o que é esse brilho? E assim eu lhe contei do que aconteceu a mim, de como me converti, disse que aquelas pessoas eram católicas. Ela ficou feito pedra. E acrescentou: 'Mas então o cristianismo é um encontro! Porque eu não gosto de regras, mas o que você me conta é um encontro, e eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo, porque o quero'.

Se a nossa jovem amiga não tivesse aceitado o imprevisto de um verão diferente do normal, não teria podido ver o que viu. E o que viu? Que choque acontece numa pessoa quase desconhecida diante de homens livres e felizes, que têm um brilho nos olhos! Eles trazem a centelha nos olhos. "De onde nasce esse brilho nos olhos?", perguntava-se. Do fato de serem bons? Em seus olhos sorri um céu que não é deles. Eles "são como criancinhas". Ficam maravilhados por aquele céu. O que deve acontecer para tornar um adulto tão "criança"? Aquela garota não sabia nada do cristianismo, mas diz "Eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo". Tudo, menos palhaçada! Tudo, menos palhaços! Isto se dá agora, exatamente como há dois mil anos.

Comentando a vocação de São Mateus, durante a viagem a Cuba nos dias passados, o Papa Francisco disse: "Ele

próprio nos conta, no seu Evangelho, como foi o encontro que marcou a sua vida, introduzindo-nos numa 'troca de olhares' que pode transformar a história. [A história! Não só aquele homem!] Um dia, como outro qualquer, estava ele sentado no posto de cobrança de impostos, quando Jesus passou, viu-o, aproximou-Se e disse-lhe: 'Segue-me'. E ele, levantando-se, seguiu-O. Jesus olhou para ele. Que força de amor teve o olhar de Jesus para mover assim Mateus! Que força deviam ter aqueles olhos para o levantar! Sabemos que Mateus era um publicano, ou seja, cobrava os impostos dos judeus para os entregar aos romanos. Os publicanos eram malvistas, até considerados pecadores, e por isso viviam separados e eram desprezados pelos outros. Com eles, não se podia comer, falar nem rezar. Eram considerados pelo povo como traidores: tiravam da sua gente para dar aos outros. Os publicanos pertenciam a esta categoria social. E Jesus parou, não passou ao largo acelerando o passo, olhou-o sem pressa, olhou-o com calma. Olhou-o com olhos de misericórdia; olhou-o como ninguém o fizera antes. E aquele olhar abriu o seu coração, fê-lo livre, curou-o, deu-lhe uma esperança, uma nova vida, como a Zaqueu, a Bartimeu, a Maria Madalena, a Pedro e também a cada um de nós" >>>

» (Francisco, *Homilia*, Plaza de la Revolución, Holguín, Cuba, 21 de setembro de 2015).

Hoje como naquele tempo, há alguns fatos, algumas formas de viver o cristianismo que não são percebidas pelos outros como uma palhaçada, mas como a coisa mais fascinante. Nesses fatos, o conteúdo e o método coincidem. São fatos que não precisam de nenhum tipo de poder contíguo para se impor: basta uma atração daquele “brilho nos olhos”, daquela “troca de olhares”. Nenhum remédio, nenhuma droga, nenhum guru, nenhum poder, nenhum sucesso, nenhuma estratégia é capaz de produzir esse brilho nos olhos.

Isto desencadeia a decisão. “A decisão é gerada somente pela descoberta de que o próprio eu é atraído por um Outro, de que a substância do meu eu, a substância do meu ser, o meu coração, é idêntica a ‘estar atraído por um Outro’ [...]. É este Outro o sentido da dinâmica do meu eu, deste meu viver, desta dinâmica que é o meu viver. Quando digo ‘Eu’, digo uma dinâmica dirigida a outro, a um Outro. Um Outro é o que constitui a minha vida, porque o Outro me atrai, e eu sou esse ‘estar atraído’, sou constituído por essa atração [...] [‘Eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo’].

A decisão, então, é gerada lá onde a pessoa descobre essa sua natureza de ‘estar atraído’, pela qual, como diz São Paulo (sempre citado): ‘Vivo, não eu, mas é outra coisa que vive em mim’. A atração é, de fato, outra coisa que vive em mim e que me faz viver. A decisão é gerada quando desencadeia esse dar-se conta, essa consciência de um homem novo, dessa novidade na percepção de si, no sentimento de si. E é um momento em que a pessoa realmente concebe a si – como um homem e uma mulher concebem a criança, e concebem-na por uma atração –. O exemplo não é perfeito, mas é o mais profundo, por analogia, que se possa fazer. É realmente uma concepção de si que vem desse abraço profundo do meu eu com o Outro, cuja atração eu descobro, aceito e reconheço. Sem simplicidade de coração, sem pureza de coração, sem pobreza de espírito, isto não acontece, porque, onde não há pobreza de espírito, essa atração é exercida, mas não é reconhecida totalmente: há uma reserva, e então não há a ‘concepção’” (cf. L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, op. cit. pp. 216-218).

É esta dinâmica o que nos permite entender o significado do servir. Digo-o para responder a uma pessoa que me pergunta: “O que quer dizer seguir?”. Seguir, assim como decidir, é fácil: “Eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo”. Por que é fácil seguir? Porque é ceder à atração que me tomou. O problema é que muitas vezes, para nós,

seguir não é ceder ao evento que nos tomou, com toda a consciência daquilo que nos acontece. Para nós, seguir torna-se uma espécie de voluntarismo, um adequar-se a certas normas, a uma doutrina, a um conjunto de valores que defender. Ao passo que Dom Giussani nos mostra que o seguimento é um movimento, uma decisão provocada pela atração, porque o problema da liberdade é se ela encontra algo que seja tão fascinante, que dá vontade de aderir a ele. Por isso, é como se em cada palavra, em cada desafio frente ao qual nos encontramos, tivéssemos de aprender constantemente a natureza da fé, a natureza do cristianismo, sua ontologia. Porque, senão, as mesmas palavras cristãs tornam-se como pedras que não nos dizem mais nada. Em contrapartida, para entender bastaria deixar-se surpreender por aqueles momentos em que o acontecimento, a beleza acontecem, como vimos acontecer de forma clamorosa no Meeting, durante o encontro sobre Abraão e os desafios do presente, quando, acabando de escutar o violino, o professor Weiler reagiu ao microfone com um respiro profundo. E logo após acrescentou: “É preciso um minuto para recuperar...”. É isto! É esse o momento em que se recomeça. Daqui se recomeça. O seguimento nasce daqui: a atração do violino desencadeou aquele respiro profundo. É fácil! Até o seguir, como o encontro inicial, é um acontecimento em que devemos consentir.

Mas por que, então, nos parece tão difícil, se é tão fácil?

O problema é que frequentemente resistimos a este método, que é o método de Deus. E isto é realmente triste: apesar de acontecerem coisas como as que acabamos de escutar, e outras que compartilhamos cada vez que nos encontramos, nós resistimos e não aprendemos delas. Isto acarreta o não seguimento. Não o não seguimento de mim – que interesse teria? –, mas o não seguimento daquilo que Ele faz e que eu, em primeiro lugar, quero seguir.

Este é o nosso problema com o seguimento: que nós, apesar de vermos continuamente que o acontecimento, o encontro seja o único método capaz de pôr o eu em movimento – é o que fez Deus com Abraão e com João e André –, nós continuamos pensando que haja outra maneira, outro método mais incidente para atrair o eu. Pelo contrário, é fácil: basta seguir o que Cristo faz.

“Certa noite, falávamos com meus colegas de curso sobre a família, e uma menina não conseguia entender. Ela mudou quando eu lhe disse o que tinha acontecido na minha família. Eu fugi de casa mais de uma vez, levantei a mão para o meu pai e por dois anos não falei com ele. Aquilo que mudou minha

Quando respondemos aos desafios da realidade, deixamos sempre transparecer o nosso pertencimento, ou seja, o que para nós é mais caro, e isso se torna a nossa posição cultural no mundo

família não foram leis ou uma revolução, mas foi o encontro que eu fiz há quatro anos com meus amigos do Movimento. Vivendo dentro desse relacionamento, onde todo o meu mal era perdoado, vivendo uma beleza e um gosto da vida novos, a minha família refloresceu. Aquele relacionamento muda a mim e àqueles que tenho ao redor, sem que eu me preocupe com isso. Conteí de uma prima minha: ela e sua família moram em outra cidade e todo ano vêm tirar férias conosco. No ano passado vieram para o Natal, simplesmente comemos e abrimos os presentes juntos. Depois do almoço, minha prima vem falar comigo e me diz: ‘Eu tenho a impressão de que os meus pais estão juntos por mim, não porque se amam; e vejo que a sua família é unida, eu queria a mesma coisa’. Quando me dizia isso, eu pensava: mas o que é que ela viu? Até poucos anos atrás, minha família era tudo, menos unida; antes de vir para Milão, eu nem comia com minha família. Ela ficou impressionada com como comíamos. Depois me disse: ‘Quando nós éramos crianças, nós brincávamos; depois você virou um monstro, mas agora vejo que os seus olhos voltaram a ser como os de uma criança’. Isto tinha me impressionado, então eu simplesmente a convidei para fazer caritativa com meus amigos, levamos cestas básicas às pessoas dos bairros mais pobres. E ela me contou sobre aquela tarde como uma das mais bonitas da sua vida. No dia depois de ter voltado para casa, ela me telefonou chorando: ‘Sinto uma falta em mim que eu nunca tinha sentido’. No começo me parecia um tanto ou quanto sentimental, mas logo depois me disse: ‘Esta manhã eu acordei às sete, fui ao centro da cidade, fui à prefeitura, à secretaria da juventude, e perguntei aos funcionários onde poderia encontrar aqueles de Comunhão e Libertação’.

Mas nós pensamos ter um método mais poderoso, mais incidente historicamente para convencer as pessoas! Então eu lhes pergunto: alguém realmente pode pensar que o método imaginado por nós possa ser mais incidente que aquele escolhido por Deus? Não podemos pretender recuperar, com o nosso fazer, o que perdemos na vida. Esta, portanto, é a nossa responsabilidade: não resistir ao método de Deus.

E, mais uma vez, Dom Giussani ilumina-nos, identificando a razão última dessa resistência, que não é, como poderíamos imaginar, a incoerência, mas a aridez afetiva. “A nossa falta radical, o que nos deixa essa indecisão de fundo, é uma incapacidade, uma aspereza total ao desfrute da beleza, ao desfrute estético, e é pois uma resistência impressionante ao sermos impregnados da alegria, da letícia, e portanto da vividez – da vividez! –. Porque só o que é belo, o que se mostra

belo, o que o faz vivo, ou seja, catalisa a energia da sua vida, é a sua vida. É essa carência atroz o que se nota em vocês, como jovens de hoje, essa carência tremenda de maravilhamento ante a beleza, de capacidade receptiva da beleza. O efeito, porém, que impressiona vocês é aquele que provoca uma pura reatividade. O efeito com que as coisas os alcançam é o de uma reatividade: provocam-lhes uma reatividade e os bloqueiam em vocês mesmos, de forma que tudo o que lhes passa pela frente é para ser usado por vocês mesmos, para ser instrumentalizado. O maravilhamento, o receber a beleza é o inverso: os olhos [...] escancarados a escutar, a olhar, a receber. [...] O que vocês têm [dizia aos universitários em 1980] é uma incapacidade de afeição” causada por uma obtusidade. A centelha de que falamos, continua Dom Giussani, “é algo que acontece e que se recebe na medida da nossa capacidade afetiva, ou ainda, da nossa capacidade estética, de desfrute estético, de senso estético, ou seja, da nossa capacidade receptiva do belo. Ao passo que a pobreza do coração, ou a simplicidade do coração, é a postura ética que permite o desenvolvimento estético. Observem como uma criança olha as coisas: com os olhos escancarados! A

beleza e a vibração da realidade jorram para dentro dele; em contrapartida, nós, que estamos ali perto, ficamos obtusos” (cf. *Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, op. cit., pp. 220, 223). Essa obtusidade é o que faz sentir a estranheza de que fala Pavese: “Sorri em teus olhos a estranheza de um céu que não é o teu” (C. Pavese, “Noturno”, In: *Trabalhar cansa*, São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 137). Assim comentava Dom Giussani estes versos: “Sorri nos seus olhos: você é feito do céu, para o céu, por um Outro; e isto sorri em você, porque o coração é sede de felicidade e de beleza. Um céu que não é seu, porém: você não o quer” (cf. *É possível viver assim*, Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Apontamentos das meditações de Luigi Giussani, 1995, p. 25).

Quando respondemos aos desafios da realidade, deixamos sempre transparecer o nosso pertencimento, ou seja, o que para nós é mais caro, e isso se torna a nossa posição cultural no mundo. Fiquei admirado com o modo como Dom Giussani, poucos dias depois da derrota no referendo sobre o aborto de 1981, falando a um grupo de responsáveis do Movimento, tinha identificado o conteúdo sintético da autoconsciência daqueles que se tinham movido, o que tinham de mais caro, de onde derivava a posição cultural deles: “O ponto para a condução do Movimento que deriva deste caso do referendo é a tristeza, é a tristeza ao constatar que o acontecimento >>>

Alguém realmente pode pensar que o método imaginado por nós possa ser mais incidente que aquele escolhido por Deus? Não podemos pretender recuperar, com o nosso fazer, o que perdemos na vida. Esta, portanto, é a nossa responsabilidade: não resistir ao método de Deus

» de Cristo não teve e não tem um papel como valor da vida”. O que tinha acontecido durante o referendo era, diz, a expressão daquilo que acontecia na vida ordinária das comunidades: “Na vida normal da nossa comunidade e da condução do Movimento, não há em nós esta transparência do valor da fé. Em suma, é Jesus Cristo que não tem que ver com a nossa gente”.

E indicava-nos também, com precisão, a estrada a seguir. Vale a pena escutá-lo se não quisermos perder de novo o trem: “Jesus Cristo deve ter uma evidência em si para a nossa gente! A direção é esta. ‘Eu não conheço outro que Cristo’, e esse Cristo histórico que, como resultado, foi eliminado. Cristo torna-se presença para os outros se se torna presença para mim! Sou eu a presença de Cristo: passa através desta comunicação o acontecimento da Sua pessoa, o mistério da Sua pessoa [como atestam todos os testemunhos que lemos]. Há um corolário neste ponto: entendam que o Movimento será salvo por essa minoria! A parte que carrega o futuro é o testemunho real” daqueles que aderem a Ele. E acrescentava: “É extremamente difícil, difícil no sentido estatístico do termo, encontrar pessoas que vivam verdadeiramente, que se ponham em companhia pela santidade, ou seja, pela fé em Cristo, para aprender a fé, para viver e testemunhar a fé. E esta dificuldade é agravada pelo fato de que será bem difícil estatisticamente que os nossos adultos encontrem guias nesse sentido, suscitadores nesse sentido. O Movimento será levado [adiante] por aqueles que não sentirem a minoria [como aconteceu com o resultado do referendo, pelo fato de que os contrários ao aborto se limitaram a 32%] minimamente como minoração, pois terão dilatado seu coração pelo valor. E o valor é um só, um! Porque até a nossa vida não é valor se não houver Cristo! O acontecimento de Cristo. O Movimento será levado adiante por quem fez esse encontro, e o sinal de que terão feito esse encontro é a capacidade de fraternidade, de companhia”. O Movimento será levado adiante por aqueles que não puderam, como João e André, apagar a experiência que viveram com Cristo, o conteúdo dogmático da fé, e estão juntos por isso. Por isso Dom Giussani insistia: “O futuro do Movimento chama-se o testemunho do adulto”, incluindo uma de suas frases: “Este é um momento em que seria belo sermos doze em todo o mundo” (cf. FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO, *Documentação audiovisual*, Milão: Conselho nacional de CL, 30-31 de maio de 1981).

Em que consiste, então, o testemunho? “Ser presença numa situação quer dizer estar nela de modo a perturbá-la,

de maneira que, se você não estivesse ali, todos se dariam conta. Onde você estiver, os outros vão irritar-se ou admirá-lo, ou então vão parecer estar indiferentes, mas não poderão deixar de reconhecer a sua ‘diversidade’”.

De que natureza é esse testemunho? “O verdadeiro anúncio faz-se através daquilo que Cristo perturbou em nossas vidas, dá-se através da perturbação que Cristo realiza em nós: *nós tornamos Cristo presente por meio da mudança que Ele opera em nós. É o conceito de testemunho*” (cf. L. Giussani, 19 de março de 1979; “1954. Cronaca di una nascita”. Notas de uma conversa com um grupo de jovens, In: *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma: EDIT-Il Sabato, 1993, p. 346).

Como vimos, esse testemunho, longe de ser irrelevante e de mostrar o cristianismo como uma palhaçada e os cristãos como palhaços, desperta uma curiosidade, um interesse tal, que abre um diálogo totalmente inesperado, mesmo com pessoas aparentemente distantes. É assim que podemos responder ao convite feito nestes dias pelo Papa Francisco aos bispos americanos, que ouvi como dirigido a mim, a nós: “Bem sei que são numerosos os vossos desafios, muitas vezes é hostil o campo onde semeais, e

De que natureza é esse testemunho? “O verdadeiro anúncio faz-se através daquilo que Cristo perturbou em nossas vidas, dá-se através da perturbação que Cristo realiza em nós: nós tornamos Cristo presente por meio da mudança que Ele opera em nós”

não são poucas as tentações de fechar-se no recinto dos medos, a lenir as feridas, recordando um tempo que não volta e planificando respostas duras às resistências já ásperas. E, todavia, somos defensores da cultura do encontro. Somos sacramentos vivos do abraço entre a riqueza divina e a nossa pobreza. Somos testemunhas do abaixamento e condescendência de Deus que Se antecipa, no amor, à nossa primeira resposta. O diálogo é o nosso método, não por astuciosa estratégia, mas por fidelidade Àquele que nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor (*Mt 20, 1-16*). [...] Não tenhais medo de efetuar o êxodo que é necessário em cada diálogo autêntico. Caso

contrário, não é possível entender as razões do outro nem compreender profundamente que o irmão que devemos encontrar e resgatar, com a força e a proximidade do amor, conta mais do que as posições que, apesar de certezas autênticas, julgamos distantes das nossas. A linguagem dura e belicosa da divisão não fica bem nos lábios do pastor, não tem direito de cidadania no seu coração e, embora de momento pareça garantir uma aparente hegemonia, só o fascínio duradouro da bondade e do amor é que permanece verdadeiramente convincente” (*Discurso no encontro com os bispos dos Estados Unidos da América*, Catedral de São Mateus, Washington, D.C., 23 de setembro de 2015).